

**PROJETO:** INCERTEZAS CRÍTICAS

**DURAÇÃO:** 26 MINUTOS

**PERSONAGEM:** Robert Darnton

**BIOGRAFIA:** Historiador americano especializado na França do séc. XVIII. Pioneiro no campo da história do livro.

INT. CASA DE ROBERT DARNTON / DIA

## BLOCO 1

NARRADOR	ENTRA VINHETA DE ABERTURA
<p>Roberto Darnton é um dos mais importantes historiadores americanos. Com vários livros publicados, é diretor da biblioteca de Harvard, professor e pesquisador destacado sobre o séc. XVIII. Neste bloco, ele vai falar sobre o impacto das tecnologias digitais sobre o conhecimento e como isso afeta nossa concepção de educação.</p>	<p>FOTO: Darnton recebendo uma medalha de Obama FOTO: Capa do livro “Poesia e Polícia” FOTO: Capa do livro “A Questão dos Livros” FOTO: Capa do livro “O Beijo da Lamouriette” FOTO: Capa do livro “Boemia Literária” VINHETA: “O mundo digital muda a educação?”</p>
<p>ROBERT DARNTON</p>	
<p>Bem, a digitalização está mudando tudo. Está mudando a rotina de todas as pessoas. Ela penetra toda a sociedade, portanto, é claro que vai mudar a educação. Na verdade, já mudou a educação. A pergunta é: como, o quanto e como podemos administrar a transição com o intuito de melhorar a educação? Um dos benefícios óbvios é que graças à digitalização podemos disponibilizar uma ótima biblioteca em escolas pequenas e faculdades de educação que não tenham uma biblioteca e tenho dedicado, de verdade, o restante da minha vida a isso, o que chamados de Biblioteca Pública Digital dos EUA. Queremos disponibilizar as enormes coleções das nossas bibliotecas de pesquisa para todos nos EUA e todos no mundo, especialmente do Brasil, e gratuitamente. Este é o primeiro ponto: que as instituições de educação poderão</p>	<p>FOTO: Print do website da Digital Public Library</p>

utilizar recursos, bibliotecas, que são fabulosas. Há mais do que isso, é claro. Por exemplo, lecionar será diferente, ler será diferente, as técnicas de estudo serão diferentes.

Aqui em Harvard, se você for às nossas bibliotecas, perceberá que os alunos não estudam da maneira que estudávamos, pelo menos da maneira que eu estudava quando era aluno aqui. As bibliotecas estão cheias de alunos, mas eles trabalham em grupos. Você os vê sentados ao redor de uma mesa, eles têm seus laptops, seus livros impressos, suas anotações e conversam o tempo todo e fazem anotações. Eu não sei como conseguem. Na minha época, você sentava sozinho e lia um livro sozinho, mas desde bem pequenos, eles são treinados para trabalhar em grupo e parece dar certo porque quando dou seminários, fico muito impressionado com as qualidades deles. Eles são bons alunos, inteligentes e dão conta do recado. Portanto, lecionar vai ser diferente, a leitura é diferente, as técnicas de estudo são diferentes.

Não basta simplesmente usar o Google se houver um tópico que você queira pesquisar porque isso só vai lhe fornecer algumas indicações preliminares. Para aprofundar-se em qualquer tópico, você precisa de ajuda. Você precisa conseguir encontrar os dados relevantes no espaço cibernético e é fácil de se

FOTO: Biblioteca de Harvard

FOTO: Print do Google

perder no espaço cibernético e descobrimos que os bibliotecários hoje têm novas funções. Eles são guias neste vasto mundo de dados digitais e os alunos são gratos por isso. Esses são só alguns dos modos nos quais eu acho que a educação está mudando, mas há muitas outros, mas não podemos percebê-los antecipadamente, então, vamos improvisando ao longo do caminho.

O que a leitura será no futuro digital, ou até mesmo no presente digital, quem serão estes leitores, como esses farão essa leitura... A verdade é que não sabemos. Estamos começando a ter informações e você provavelmente ouviu falar em experiências de cientistas cognitivos que acreditam poder medir descargas químicas elétricas no cérebro e a leitura talvez será diferente se for feita em uma tela, comparada a virar as páginas de um livro. Francamente, sou cético em relação a isso. Acho que devemos ter paciência e esperar e talvez entendamos como o cérebro funciona, mas estamos apenas no começo disso tudo.

É um problema fascinante. Mas uma coisa que sabemos é que alunos que mexem com smartphones, ou qualquer

VINHETA: “Um novo leitor”

tipo de aparelho eletrônico, normalmente leem em unidades pequenas. Isso é muito diferente de sentar-se em uma mesa de trabalho, virando as páginas de um livro. Uma leitura intensa, longa e contínua. Algumas pessoas acham que esse tipo de leitura profunda está extinto. Eu não acredito que isso seja verdade. Quero provas. O que está acontecendo, em outras palavras, é que temos diferentes tipos de leitura que coexistem. Os jovens têm uma naturalidade ao enviar mensagens e recortes curtos e leem textos curtos, mas isso não significa que não leiam livros mais longos também. Nós fazemos com que eles leiam livros longos, aqui em Harvard. Todos os cursos que eu leciono exigem leituras longas, profundas e extensas, de alta concentração, e leituras que podem ser usadas na criação de artigos de pesquisas, etc. Eu hesito em fazer declarações sobre a revolução na leitura. Isso posto, é claro que ela está mudando e eu realmente me preocupo com o período de atenção dos jovens. Preocupo-me com a paciência deles na busca de ideias e, acredito que há um aumento geral na velocidade da vida. As pessoas estão fazendo as coisas com pressa. Até no cinema, há tanta ação o tempo todo que a câmera raramente para olhar para a cena extrair seus aspectos psicológicos ou estéticos. O mesmo acontece com a leitura. Tivemos cursos

Eu mesmo fiz um há tempos, em 1960. Depois me dei conta de que devemos ler devagar, de que deveríamos aprender a ler mais devagar. Deveríamos dar asas às nossas imaginações e dar tempo ao tempo. Acho que é assim que realmente podemos extrair a essência de um livro. Portanto, estou preocupado com a perda desse tipo de leitura e a aumento da velocidade na vida. Mas isso vai acontecer mesmo e as mudanças serão profundas? Honestamente, eu não sei.

Bem, aqui temos o livro clássico e, na história dos livros, que é um dos assuntos que eu estudo, nós o chamamos de codex, ou seja, um livro que podemos virar as páginas, e isso só foi inventado na época de Jesus Cristo. Antes disso, era necessário desenrolar um livro para lê-lo, como o torá nos dias de hoje, portanto, isso é uma invenção muito antiga. Tem mais de 2.000 anos. E você pode perguntar: como sobreviveu tanto tempo? Minha resposta seria porque é uma excelente invenção. É uma coisa ótima. Foi só por volta de 1450 que o códex foi impresso, quando Gutenberg inventou a prensa. O livro impresso em si evoluiu com os tempos, mas a estrutura fundamental é a mesma. Eu acho que é uma invenção tão boa, tão bem-sucedida, que não se tornará obsoleta. No entanto, isso não significa que ele dominará totalmente a leitura.

VINHETA: “O livro morreu?”

FOTO: Codex Sinaticus

FOTO: Pergaminho

FOTO: Pintura de Gutenberg

## BLOCO 2:

### NARRADOR

Nesse bloco, o historiador Robert Darnton vai falar sobre como é possível entender o mundo contemporâneo à partir das suas origens no séc. XVIII

### DARNTON

Estamos vivendo um período fascinante. Uma das fascinações é o papel dos escritores. Eu soube recentemente, em 2011, algo em torno de 320 mil novos livros foram produzidos nos EUA e impressos. É uma porção de livros. Mas, além desses livros produzidos da maneira tradicional pelas editoras, impressos, vendidos nas lojas e também na internet, houve 700 mil livros, mais do que o dobro, produzidos por indivíduos e postos na internet. Em outras palavras, temos escritores por todo país que estão simplesmente escrevendo seus livros e disponibilizando-os online, às vezes para a venda, as vezes gratuitos. Provavelmente, boa parte desse material é ruim, mas, provavelmente boa parte desse material é muito boa. Portanto, acho que estamos entrando em uma nova era, em que o público participa na produção de literatura, ficção, não ficção, poesia, ensaios, todos os tipos. Uma era em que o público não é passivo, mas ativo, e participa das coisas. Isso é impressionante. Um exemplo disso é a Wikipédia. Ela é um grande sucesso. No começo havia perigo de abusos porque havia tanta informação que não era confiável, mas aí foram contratados editores, que forneceram

### ENTRA VINHETA DE RETORNO DO PROGRAMA

FOTO: Quadro da Revolução Francesa

FOTO: Pintura de Jean-Paul Marat

VINHETA: O lugar do escritor”

FOTO: Print da Wikipedia

filtros para o material. É uma grande enciclopédia, produzida por todos, para todos. Eu acho que, de certa forma ela realiza o sonho do iluminismo, que era passar o conhecimento para todos pelo mundo impresso. No século XVII, o trabalho mais importante do iluminismo era a Enciclopédia de Jean le Rond d'Alembert. Escrevi um livro sobre ela, como ela penetrou a sociedade francesa. A Wikipédia foi muito além do que d'Alembert conseguiu. Sim, acho que hoje os escritores são muito diferentes. É verdade que alguns dos escritores profissionais estão preocupados sobre como eles vão sobreviver em um mundo da internet e há vários problemas econômicos que as editoras estão enfrentando. Não estou diminuindo isso. Não quero passar a impressão de que sou idealista ingênuo, achando que tudo vai ser maravilhoso. Não. Haverá sérios ajustes e perdas também. Acho que as livrarias independentes estão ameaçadas e acho que isso é uma consideração importante. Com relação aos jornais, temos visto jornais morrendo em todo país. Sei que isso não está acontecendo no Brasil e sou um grande admirador de alguns dos seus jornais, mas acho que é uma questão de tempo, porque os anunciantes movem dos jornais impressos para blogs e jornais online, o que significa que o jornal impresso não sobreviverá porque isso

FOTO: Capa da Enciclopédia de Jean le Rond d'Alembert

FOTO: Capa do livro “The Business of Enlightenment”, de Robert Darnton

acontece muito, especialmente os anúncios classificados mudaram do reino impresso e isso é um grande problema. A base econômica do jornalismo impresso está corroída e não sabemos como será o jornalismo daqui a cinco anos.

Em minhas recentes pesquisas tenho feito comparações de blogs dos dias de hoje com um tipo de jornalismo underground no século XVIII em Paris e Londres. Você pode achar loucura mas acho que posso provar que há semelhanças incríveis. Pegue um bloco, geralmente bem pequeno, com duas ou três frases e, no mundo dos blogs, a blogsfera, há um gênero em particular, os de escândalos, de fofocas sobre celebridades, muitas sobre sexo, de pessoas famosas. A mesma coisa acontecia no século XVIII. Os franceses chamavam de anedotas, os ingleses de parágrafo. E nesses jornais underground, principalmente em Paris, que eram completamente ilegais, você acha duas ou três frases sobre a vida sexual do rei, desse ministro, daquele cardeal. Encontrei exemplos que são quase exatamente iguais ao que você lê em blogs de fofocas de hoje. Em Londres, havia um tipo de jornalismo escandaloso rude que se desenvolveu que era legal e ninguém conseguia impedir e o ministro e os políticos resolver ignorar porque se processassem essas pessoas, isso traria

VINHETA: “Os blogs do século XVIII”



mais publicidade a eles. Os jornais nos anos de 1770, 80 e 90, em Londres, eram mais escandalosos que são hoje. Agora, não estou dizendo que é exatamente a mesma coisa mas acredito que achando as semelhanças, pode-se estudar as diferenças, que é como essas pequenas anedotas escandalosas se encaixam na ecologia geral da informação e isso é o tema de um dos meus últimos livros. Embora eu não fale sobre blogs, estou tentando fazer a comparação, mas escrevi um livro longo sobre literatura escandalosa nos séculos XVI e XVII. Estou convencido de que isso era muito comum, que há 200 anos, as pessoas adoravam ler histórias sobre pessoas famosas que faziam coisas horríveis, geralmente sobre sexo, mas nem sempre. Eles faziam outras coisas horríveis. E estamos vivenciando isso hoje. A vida particular de pessoas públicas é uma ótima leitura atualmente. Podemos aprender sobre as experiências do passado, não que hoje seja a mesma coisa, mas há semelhanças suficientes e podemos entender como, na verdade, a ecologia da informação opera.

Há muitos exemplos do que os franceses chamaram de “barulhos do público”. Isso significa um “rumor”, uma pessoa diz uma coisa, outra diz outra, outra passa para frente e, logo, toda a população de Paris está falando disso,

FOTO: Capa do livro “O Diabo na Água Benta”, de Robert Darnton

VINHETA: “Boatos derrubam governos? O caso da França no século XVIII”

FOTO: Pintura retratando a tomada da Bastilha

geralmente uma conspiração, uma ameaça e, eles saem fazendo baderna. Há ação coletiva acontecendo nas ruas de Paris. Um bom exemplo são as primeiras fases da revolução francesa. Há rumores de que Paris foi cercada por tropas enviadas pelo rei em Versalhes e as tropas vão confinar a cidade para que o povo passe fome e depois matar as pessoas. Há muitas versões dessa história. Essa convicção sobre uma conspiração da contrarrevolução remonta até mesmo a antes da revolução. Uma das percepções de George Lefebvre, um historiador da revolução francesa, por estranho que pareça, a contrarrevolução precedeu a revolução. No que tange a violência nas ruas, a revolução foi uma reação a uma ameaça de repressão que o povo sentiu. Isso foi que fizeram em 14 de julho, quando tomaram a Bastilha. Uma reação a essa ameaça da força da contrarrevolução. Não surgiu do nada, mas foi comunicada pelo “barulho do público” e o exemplo mais espetacular durante a revolução francesa foi “o grande medo”. No segundo semestre de 1789, os camponeses de uma área enorme da França estavam convencidos de que havia uma conspiração. Alguns diziam que eram os austríacos, muitos diziam que eram os aristocratas, para matar os camponeses, deixá-los morrer de fome, reprimi-los, etc. Os camponeses se exaltaram,

FOTO: Georges Lefebvre

FOTO: Capa do livro “La Grande Peur de 1789”, de Michel Biard e Hervé Leuwers

invadiram chateaus, destruíram ou queimaram tabelas que diziam quanto deveriam pagar para os senhorios, como uma proporção da colheita e, basicamente, destruíram todo esse sistema que chamavam de aluguel feudal e nunca houve tal conspiração, os austríacos não estavam chegando, os aristocratas não cortariam as gargantas deles, mas eles acreditavam que sim. Isso estava conectado também com os eventos em Paris. Diria que percepções equivocadas assim como percepções são ingredientes cruciais nas mudanças históricas.

Não posso dar respostas satisfatórias sobre o Brasil e minha percepção do Brasil. Primeiro, eu não falo português. Sinto-me um idiota porque fui ao Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, é um dos museus mais incríveis que já vi. Você podia escutar brasileiros falando tantas maneiras tão diferentes do português do Brasil que você começa a apreciar a enorme riqueza dessa cultura falada, mas eu não compreendia porque não falo português, mas pude observar diferenças na entonação. Acho que há uma coisa chamada “árvore filológica”, que mostra a evolução de palavras através do tempo. Achei formidável. Havia objetos, fotos, e comecei a vislumbrar a riqueza da cultura oral no Brasil. Assim que se começa a falar em cultura oral, você

FOTO: Pintura retratando as invasões dos chatêaus

VINHETA: “Brasil”

escuta música e todos sabem que a música brasileira é da melhor qualidade. Fui a shows no Brasil e fui transportado pelo entusiasmo, energia e a beleza da música. Claro que é importante entender as palavras. Às vezes, amigos meus sussurram no meu ouvido porque é poesia também. É a poesia, a música, a apresentação e, às vezes, é uma coisa coletiva porque as pessoas estão dançando com o cantor. É simplesmente maravilhoso. Essa é minha impressão do Brasil. Talvez um dia eu vá para lá aprender português. Mas tenho que escrever outro livro e tenho prazo para entregar um ensaio e onde vou achar tempo para tudo isso? Acho que vou continuar com minhas responsabilidades, a biblioteca, escrever, embora eu preferisse aprender português e desfrutar do Brasil o máximo possível.